



CONVENTO DE NOSSA SENHORA DE JESUS.

O convento de Nossa Senhora de Jesus é um edificio regularmente construido no estylo moderno; o architecto Joaquim de Oliveira foi quem deu o desenho da fachada, e do seu espaçoso adro. Como se pôde vêr na estampa, que d'elle damos, é decorado de pilastras de ordem jonica sobre outras de ordem dórica; e a empena ou frontão aparta-se da usual forma triangular. Collocado em um lugar eminente, com o largo diante descendo em rampa para o sul, offerece a apparencia de elegante magestade, por que entre muitos se realça.

A fundação d'esta casa religiosa é antiga. Em 1583 vieram de S. Simão d'Almada os padres que o povoaram; a obra principiou com licença do senado da camara, e por provisão do arcebispo D. Jorge de Almeida; por dezete annos se viu obrigada a lutar contra o odio dos frades menores, que se lhe oppuzeram, não poupando esforços nem enredos para a atalhar ou impedir. O edificio levantou-se em um sitio denominado o Valle da Esperança, aonde Luiz Rodrigues de Pedroza e sua mulher tinham uma ermi-

da e um cardal, de que fizeram doação aos religiosos; e estes muito depois, para alargarem o edificio e a cerca, e para romperem a rua nova de Jesus, desde o largo da igreja até a calçada do Combro, compraram diversas propriedades e terras contiguas ao seu mosteiro, com auctorisação regia, concedida no alvará de 1623.

Com o terremoto de 1755, desabou a maior parte do edificio, e á pressa se armaram barracas na cerca para os padres se recolherem no meio das ruinas da passada habitação. Decorridos alguns annos, o provincial Fr. José de Sancta Rosa Teixeira applicou o maior zelo á reedificação; mandou cobrir a abobada do templo e adornar a igreja; preparou os dormitórios, e erigiu desde o alicerce todo o cunhal da frontaria, e a escada principal. Ao douto Fr. Manuel do Cenaculo, eleito em 1768, é devido o actual frontispicio; e no seu triennio se completaram muitas obras imperfeitas. A excellente casa da livraria, de que se attribuem as pinturas do tecto a Cyrillo Machado, foi empresa sua. O padre Sarmiento, traductor da Bi-

blia, e o padre Mayne, confessor de D. Pedro 3.^o, também acrescentaram varios melhoramentos, tanto ao corpo da igreja, como ás diversas officinas. É do padre Mayne a instituição do gabinete de historia natural, hoje reunido ao museu que veio da Ajuda; a dotação da cadeira de zoologia, ainda conservada pela Academia das Sciencias; o gabinete de medallas, e a galeria de pintura.

N'este edificio existem algumas obras de innegavel merecimento, e a sombra das suas paredes floresceram os mais sabios e virtuosos varões, entre os quaes, pela charidade evangelica, sobresaiu o verdadeiro apostolo D. Fr. Caetano Brandão. Depois da extincção das ordens religiosas estabeleceu-se no Convento de Jesus a Academia Real das Sciencias, e toinou posse das preciosas colleções de que os frades tiravam gloria, e ainda hoje, com motivo, as lembram como prova do seu amor ás lettras e ás artes.

O CASTELLO DE SANCTA OLAIA.

Lenda do seculo XI.

Fragmentos.

(Continuado de pag. 3.)

III

Como do noivado saiu o enterro.

ERA meia noite em ponto. A sineta da ermida tocava tres dobres compassados.

Ao primeiro, suspenso na carreira estacou o turbilhão das danças. Homens e damas, immoveis, com os esbeltos grupos, ainda pareciam querer voar.

Ao segundo, o som calou-se nas violas e alaudes. A ultima nota tremeu solitaria nas profundas arcarías. Eram mudas as chordas, e surdo fugia o sopro nas trompas. A cantiga dos jograes, sem elles saberem, levantou de repente o tremendo *dies ira*, retumbando em longo echo.

Errigavam-se os cabellos de terror.

Ao terceiro dobre gemeu o castello nos alicerces, como se abalasse com o furacão. Jogavam os eirados, as torres vacillavam; mas o encantamento desfez-se pelo condão de um sancto eremita. Tudo isto levou um abrir e fechar d'olhos.

É o cavalleiro negro? Ainda dobrava o sino quando desapareceu.

Que susto, que pavor não houve? Uns a correr, outros gritando, e todos que não se entendiam! Quizeram fugir, acoller-se ao terreiro; atraz d'elles fechavam as portas sem ninguem as mover; diante correu-se o portal sem ninguem lhe tocar, e a ranger nas correntes alavam as levadigas mãos invisiveis.

Ai, noite de S. João, noite aznaga! Os lindos olhos, que por ti choraram, valiam reinos; a aleachofra, ardendo em esperanza, não arretentou flor ao orvalho bento; e o teu palmito, negra sua! não desfolhou em vez de rosas mais que ramos de cypreste em leito de noivado.

Nos paços do conde quem atinava se o poder dos infernos estava sobre elles? O suor frio corria das faces aos cavalleiros; o tremor do corpo tinha a espada contra a espada. A pouco e pouco raiou uma pluma de fogo na escuridão; cresceu, alargou, e em nuvens de fumo sobem das torres cardumes de chammas. Jesus! acudi-lhe! Todo o castello está a arder.

É as portas cerradas, e os eirados altissimos, e o fosso tão fundo!

A lua tornou a romper, espelhando o clarão no ro-

chedo talhado a pique um tiro de setta do alcacer. Rebutadas alli, a sombra do choupo antigo, ferviam as aguas nas fragas, despenhando em cachão na ribeira, que lá em baixo, a muitas braças funda e arremessada, bramia entre penedos broncos.

Aonde estará D. Ordonho, conde? — aonde estaria senão aos pés d'Auzenda. Com ella desmaiada nos braços, as chammas agoutando-lhe o rosto, voou, não correu, de andar em andar até o terreiro. Olhou, viu tudo cerrado, as lavaredas crescendo, e pedra por pedra o castello que ia desabar. Os cavalleiros sem falla escondiam as envergonhadas lagrimas que a dor arranca ao coração.

— « Erusigis, escudeiro, a minha acha adamascada, clama o senhor de Sancta Olaia. Este pulso ainda pode com ella. Houve tempo que nem diamante o quebrantava. »

— « Aqui, tudo aqui »; gritou depois em grande brado.

Outra vez palpitou a esmorecida esperanza.

Levantam as aclas. Golpe de cem machados, vigor de tamanhos braços, ancia de desesperação mortal quebraram junctos na massiga porta. Gemeu o roble no monte, feriu lume o ferro, e os gonzos não cederam! No castanho chateado nem signal dos finos gumes! Os machados, partindo em rachas, lascaram até o cabo.

Por cima do alarido ouviram-se estalar risadas roucas. Deitou D. Ordonho os olhos áquella parte, e viu surgir na corôa das rochas o cavalleiro negro. Espumava a cascata aos pes do cavallo. A direita brandia um facho, e na esquerda a redea malcontinha o corcel, mãos no ar sobre o abysmo.

— « Conde Ordonho, a fogueira do S. João faltava á tua festa. Ah! a tens digna d'um rei. Pago assim as arrhas do noivado. »

— « Cão maldicto! »

— « Lembra-te Ansur, morto faz hoje quatorze annos e um dia. O sangue da tua raga nem chega para vingar o sangue d'elle. Cumpra-se o voto de Inigo Lopes. »

É como se o inferno o assoprasse, atea-se o fogo aonde não ardia, e mais lavra ainda nas outras partes. D. Ordonho ajoelhou. No hombro reclinava-se defallecido o bello corpo d'Auzenda; as faces d'alvura do lirio encostadas á tez queimada do velho; as tranças folgando entre as madeixas brancas, e nos olhos languidos, meios fechados, quasi expirando a doce luz da vida.

— « Castigai-me, Senhor, dizia o conde; mas esta innocente que logre os verdes annos. Não fez crime para acabar tão cedo, e de tal morte. . . cá a na cabeça do peccador a espada da justiça — pouco tenho já a viver; e do mundo, ai! não levo mais que esta saudade! »

É apertando ao coração a neta, duas a duas lhe saltavam as lagrimas como punhos. O que não daria o senhor de tantos castellos e vassallos por alguns palmos de terra, por uma respiração á fresca briza da noite, que refrigera o escravo nas pedras dos serros visinhos!

O conde ergueu-se logo. Tinha tido um instante de fraqueza. Alma de soldado verga, mas não quebra.

A maior dor calou-se diante da sua dor; o pranto deixou de manar diante d'aquelles olhos enxutos; e o mais animoso estremeceu, vendo, muda e só, passar a vingança. Ei lo vai o velho fronteiro; nem capello nem arnez lhe cobre a fronte, ou veste o corpo. No rosto leva a morte escripta. A orbita ensanguentada reluz chamma terrivel — os labios brancos, convulsos, suffocam o extremo suspiro. Deixai-o ir, é o castigo de Deus; — inclinaí-vos, é o sancto amor de pai!

A aguia real ferida não cedeu. Ainda sobe a ultima vez com a flecha varando o peito. Que fogo na vista immovel, que fria raiva no vôlento! oh! guarde-se o falcão — primeiro morrerá que o rei dos ares!

Toldou-se o céu, a lua escondeu-se, e nas alturas o vento bramiu profundo. Até ao longe nos plainos e nos outeiros o clarão do incendio tingia campinas e casaes. No castello o fumo, ora fechando em cortina espessa, ora rasgado dos furacões, rompendo em rôlos, entre faiscas como espadas; as aguas espadando nas fragas; o relampago lambendo a corda dos montes; o trovão estourando em estampidos medonhos; que espectáculo de terror para todos, de admiração sublime para tão poucos!

A azia da tempestade varria a face da terra; quem é o vulto, encostado ao arco, no alto da torre albarran? Tremem-lhe aos pés as lageas abraçadas, e não assente. Sobre a cabeça, cruzando os dardos, fogem; amudam mil scentelhas, e não as vê. Ao lado o fragor dos madeiros estalando, o gemer das paredes que abatem, e não acorda. Passa, rugindo, o temporal pelos cedros e estronca-os; o raio fuzila, lascando a montanha; as torrentes são rios caudaes: — qual é o escudo do filho do homem que não vacilla?

A desesperação! Que lhe importam ao desgraçado as ameaças do céu ou as ruinas da terra? Nas mãos queima-lhe a taça do fel — no coração tem a peor morte — a morte d'alma. Chorem por elle os que podem chorar ainda — ha poucas dôres como foi aquella dôr.

D. Ordonho, o conde, o senhor de sete castellos, a lança de vinte cavalleiros, o pendão das terras de Coimbra morreu em vida. A torre de seus avós foi o jazigo aonde se enterrou com as suas armas o ultimo filho de uma grande raça.

Saiu-lhe emfim do peito um rugidosemelhante ao furacão, abysmando-se nas cavernas da terra. Pelas faces correu a livida côr da ira. Encurvou-se o arco, vibrou a corda, e a vista accesa mediu a distancia. Ai do que receber o tiro! A setta escrava espera um aceno para se despedir livre, sibilando ao alvo.

De repente tres vezes estoura o trovão, e tres vezes o fogo do céu illumina os valles e os campos. Sôa o galope d'um cavallo; e raspando as fragas do monte a ferradura d'ago retine ao longe. Armas brancas, capello sem viseira, no peito o agôr do Douro, na cotta a cruz azul? Será D. Mogo Ansur? A claridade do relampago, á luz do facho do cavalleiro negro viram o corsel enovelar-se estacado na aresta do precipicio; os pés já descaem pelo declive aprumado. Cavallo e cavalleiro banhados em suor, suspensos por um fio, arquejam tremendo a sezão do perigo.

O que D. Inigo lhe diz, o que elle responde, ninguém o ouve — o vento bramia, e fallavam manso. Pouco depois, com o ginete empinado meio corpo na voragem, D. Mogo exclama:

— «Foge, mais as tuas vinganças; maldicto o nome que te deram no baptismo. Renegado! trocas pelo inferno o paraizo! — Antes a morte que ter sangue do teu sangue!»

O renegado não replica. Atira o facho ás aguas. Já tinha a espada sobre D. Mogo, já o golpe descia, fuzilando nas trevas, e... assoviou uma setta; expira a blasphemia na bocca do maldicto; e o mancebo mal percebe rolar o homem aos pés do ginete, torcer os dedos nos ramos do choupo, e resvalando o corpo, dobrado nos ares, batendo nas rochas, enterrar-se nos cachões da cascata, d'onde espirra a grande altura escuma e sangue.

Na torre do alcacer resoam ao largo brados de triumpho. Por instantes, soltos ao temporal que os espalha, fluctam os cabellos do conde Ordonho. A esta-

tura gigante avulta, cosida nas chammas, immovel, magestosa. Depois, com grande fragor, abateu-se a torre, as quadrellas voaram soltas, as traves accesas girando remoinham sobre si, e d'entre os estroços, como em leito tranquillo, o velho guerreiro, sacudindo o pendão no braço, parecia desafiar ainda com os leões victoriosos. Honra ao que morre sem virar o rosto, amortalhado nas suas armas, envolto no seu pendão! Ao cabo d'oitenta annos de pelejas o fronteiro de Coimbra desceu armado a sepultar consigo a raça orgulhosa de rio d'Ave. Do alcacer ficou só a torre que além vemos, e aquella ermida aonde jaz o pó dos ossos de D. Ansur.

— «É D. Mogo?» perguntou Martim Paes. «E Auzenda?»

D. Mogo, continuou o monge, ves; era de S. João, como promettêra, corria já de noite caminho de Sancta Olaia. Ainda longe do alcacer deu-lhe nos olhos o resplendor do incendio. Teve um presentimento. Crava esporas no cavallo, despede a carreira por torrentes, por cabegos, por fragas alcantiladas. A tempestade a rebentar, e o ginete sem se deter. Mais ao perto viu distinctamente o castello arder. Novo estímulo, e corrida mais veloz. Já, sem saber por onde, na escuridão sentiu o cavallo parar e tremer, o luzeiro d'um facho cegar-lhe a vista, e lá em baixo, muito fundo, quebrarem as aguas com grande motim.

O que então succedeu já eu contei.

Mal expirou D. Inigo desfez-se o encanto; e D. Mogo procurou Auzenda. Quando chegava quiz beijar-lhe as mãos; a bocca recuou dos dedos frios de neve. O seio já não arfava, os olhos não viam. Levaram-na á ermida; puzeram-lhe a corôa de rosas virginaes, e a terra comeu de quinze annos aquella formosura, inveja das Hespanhas.

Uma hora só nunca mais deixou de travar a D. Mogo a amargura da separação. A saudade matou-lhe os prazeres. Arrumada a lança, encostada a espada, nunca mais os seus joelhos apertaram o fiel cavallo das batalhas. O que iria fazer agora aos combates? Se a gloria não tinha já a quem a dar; se a patria... oh! talvez essa!... nem já por essa aquecia o gelo d'aquelle coração. Sombra do que fôra, o que fazia o desterrado n'este valle de lagrimas? Amor, ambição, esperança vira as morrer junctamente com a flôr dos seus annos na cruz em que penava.

Como o carvalho, que as aguas minaram, debruçava os ramos nus sobre o oceano da vida; e vendo fugir outras arvores com as ondas, e vendo as rosas palpitar arrebatadas na corrente — perguntava: Oh! quando será tambem para mim a hora desejada?

Na ancía das veladas noites, ao amortecer da lampada sentia a dôr mais viva recordar-lhe o que perdêra. Que espinho cruel é a memoria! Sobre a madrugada (seria mysterio?) o somno pousava-lhe de leve nas palpebras molhadas de lagrimas. Acordava sobresaltado, nem dormira instantes. O delirio dos sentidos mostrava-lhe então ao pé do leito a imagem que trazia no coração — era ella; via a como nos dias da sua belleza; a mesma grinalda de flôres do campo sustendo os cabellos louros; as mesmas roupas alvas desenhando fórmias divinas. Os olhos, brincando-lhe o raio do vivo amor; os labios a sorrir, abrindo como rosas, fallavam, mas não se ouviam. No dedo o anel dos esponsaes — aquelle que, havia um anno, ambos trocaram no cruzeiro da serra, á despedida. D. Mogo, correndo, queria estreitar a visão ao peito, e ao aperta-la apertava só o ar. N'estes tormentos enfezou, que não viveu, mezes sobre mezes, até que dous annos, contados da noite fatal, morreu no polre mosteiro aonde se retirára.

Ao amortalha-lo, acharam-lhe os monges um laço

de cabello sobre o coração, seguro nos dedos hirtos. Por mais que fizessem não lh'o puderam tirar. Pelo quarto d'alva, os que velavam ao lado da tumba adormeceram, e um que jazia em oração contou depois que vira apparecer uma dama, formosa como os anjos, e ajoelhar-se chorando sobre a cova; de dentro sair um braço; e ella, com a mão apertada na do morto, cingir-lhe na testa a sua corôa de cecens. Um guerreiro de armas negras, rodeando, sem o romper, o círculo luminoso que a cercava, tres vezes tentou quebrá-lo, e outras tantas, retirando o pé, vergar sobre o joelho, arrastada a face no pó do templo. Era o noivado dos mortos entre Auzenda e D. Mogo Anures, — e a sombra de Inigo Lopes, que ainda perseguia implacavel o sangue do conde Ordonho.



UM MONUMENTO NA SÉ DE LISBOA.

Padrão de diversas idades, a Sé de Lisboa, sem caracterisar absolutamente nenhuma, tem herdado de todas. Vê-se que a mão dos seculos lhe deixou gravado o sello particular de cada um; mas debalde se procurara encontrar no seu todo aquella perfeita revelação que denuncia para logo aos olhos do observador o genio de uma epocha.

Todavia no interior do templo da Sé parece revoar, na solemnidade dos seus magestosos destinos, o espirito da religião. N'aquellas feições heterogeneas ha o que quer que seja que infunde respeito — n'aquellas reliquias augustas, legadas pelas gerações ás gerações, como que se estampou o mysterio de uma crença divina.

Será porque n'essas paginas de marmore, apesar de desordenadas, vive, se não uma historia completa, ao menos a memoria de muito feito glorioso? — será porque a voz dos nossos maiores nos esteja alli fallando de cada pedra, posta pelo braço das eras successivas?

Não sabemos. Sabemos só que o templo é dos raros que ainda hoje fazem impressão no espirito dos que o visitam. Assombra ainda o seu aspecto grave e seve-

ro — reputamo-nos pequenos alli porque nos achamos, não entre homens, mas entre sanctos; não entre as turbas de hoje, mas entre as raças desapparecidas.

Pois as lendas e as tradições que lá vivem ainda!

A poesia solenne do passado escreveu tambem n'aquellas paredes os seus disticos mysteriosos, a par dos emblemas symbolicos da architectura.

E quantas tesmunchas do que é ido avultam ainda alli, despresadas e ignoradas, no sancto recinto! Não terão ellas uma significação, não representarão uma idéa, não se involverão n'um pensamento como u'um véu preservador?

Infinitos objectos d'esses podiamos appresentar: entre elles indicaremos agora um só — a cadeira de pedra, que se pode ver no claustro das capellas chamadas allonsinas, á direita do altar mór, e que hoje damos copiada na nossa estampa.

Tem a data de 1629. A sua historia está reduzida sómente a conjecturas. Corre que um rei D. Alfonso alli vinha assentar-se para dar sua audiencia, e administrar justiga. Ha tambem quem pretenda que fôra mandada pôr n'aquelle sitio por elrei D. Alfonso VI.

A data que se lhe lê oppõe-se evidentemente á segunda opinião. Em 1629 ainda D. Alfonso VI não era nascido. O mais proximo rei d'este nome é por tanto D. Alfonso V. — Alfonso V porém viveu muito antes de 1629, e ainda n'este ponto a data vem inexoravelmente repellir a tradição: no seculo XV não era ja uso administrar justiga senão nos paços e tribunaes.

Resta por tanto, na nossa humilde opinião, uma só probabilidade.

O costume de irem os reis, ou chefes do estado, ouvir os povos nas cathedraes, ou as portas d'ellas, é anterior e, só por algum tempo, contemporaneo da monarchia. Quem nos allianga que este pequeno monumento não seja obra dos primeiros soberanos? A data que se intenta dar como prova da sua origem não pôde porventura ter sido alli posta como indicadora do seu reparo?

É este, cremo-lo, o unico modo de harmonisar as provas da historia com aquella demonstração; tanto mais quanto outras razões vem ainda reforçar esta opinião.

A capella mór da Sé, como todos sabem, era antigamente rota para todos os lados. Não se tinham construido os claustros actuaes, e o altar mór vinha por tanto a ficar erguido e solitario no meio d'uma ampla quadra. Combina por tanto esta circumstancia com a tradição; e é provavel que já n'essa epocha alli estivesse aquella cadeira. A sua posição á direita do altar, no centro d'um grande espaço, parece justificar o uso patriarchal que lhe é attribuido.

Memoria mysteriosa d'outro tempo, talvez reliquia veneranda da robusta adolescencia de um povo, nas suas practicas mais respeitaveis — o antigo monumentinho lá está ainda a segredar-nos ao ouvido o que quer que seja d'aquella grande vida dos antepassados, tão cheia, tão activa, vivida tanto ás claras...

Tão diversa da nossa vida de hoje — recatada, disfarçada; gangrenada por dentro, polida por fóra; no intimo tempestuosa, uniforme no exterior!

Lá está: escapou á invasão do camartello devastador. Não se lembraram ainda d'aquella pedra para... para *aproveita-la* n'uma sacada de agua furtada, como aconteceu á lousa do conde Andeiro em S. Martinho; ou em suporte de carniça, como succedeu ao templo de Diana em Evora, convertido em açougue, por graga de um muito proveitoso e aproveitado barbarismo.

Lá está com effeito. Valeu-lhe talvez a sua peque-

nez para evitar a sanha dos nivelladores, e o destino de mais de um seu irmão e coevo no recinto do templo.

Pois que! haviam de consentir elles uma pedra escura e feia — quer dizer, augusta e veneranda — a macular aquelle regallado alvejar da cal e do gesso. Isso sim, isso é que é formosura: que lhes vão lá dar cousa mais para ver-se e admirar-se do que um muro bem branco e bem liso! O amarellejar humido das arcadas, o aspecto melancolico e grave das frontarias, aquelle respeitavel e augusto testemunho dos seculos, que parecem assentar-se nas cornijas vestidas de heras, como no seu throno natural, e vão acordar no fundo d'alma tanta memoria, tanta impressão, tanta idéa — isso que importa? — Que o ardente respirar d'umas e outras e outras gerações, que vieram ajoelhar ante aquelles monumentos e passaram e caíram, tenha colorido pouco a pouco essas pedras — vale isso porventura alguma cousa? São antigualhas, são velhices, são ninharias. *De rebus minimis non curat Prætor.* O nosso seculo é essencialmente alindador e economico. Elegante e confortavel, com uma das mãos estende caminhos de ferro e lavra cadeiras á Voltaire, com a outra varre do solo os monumentos, que lá tinham deitado raizes, porque.... porque lhe impedia as vistas. Varre-os; e se os não varre, caia-os, que é talvez peor ainda.

Não ralhamos dos caminhos de ferro e cadeiras á Voltaire, Deus nos livre; mas não podemos deixar de bradar alto contra o vandalismo e a barbaridade.

Tornando ao nosso monumentinho, pela terceira vez repetimos com o alvoroço do descostume:

Lá está.

Se figurasse em logar mais aparente ter-lhe-ia já acontecido provavelmente como as columnas do templo, suas irmãs talvez, de marmore antigo e precioso, e hoje elegante e confortavelmente cubertas d'uma camada de estuque — ter-lhe-ia acontecido como aos antigos capiteis, que a esculptura morta havia recamado laboriosamente de finos labores, e que a mão dos restauradores esclarecidos e intelligentes, com o fim seguramente de fazer começar uma nova era para as artes, esconden, depois do terremoto, n'uma economica e agradável capa... de gesso civilizador?

Muito e muito mais poderíamos aqui dizer. Pararemos por em quanto com uma só observação.

Por que será que o seculo actual, desenvolvendo espantosamente na sua rapida acção todas as cousas que dizem respeito ao materialismo da vida, tende constantemente a annullar a influencia de todos os objectos que podem favorecer as inspirações do espirito?

Resolva quem quizer o problema.

GOMES FREIRE DE ANDRADE.

(Continuando de pag. 13.)

CARLOS VI, ou o seu ministro e valido D. Manuel Godoi, duque de Alcudia, agradeceu o auxilio prestado, havia pouco, na campanha do Rossilhon, fazendo-se instrumento da vingança de Buonaparte contra Portugal, a qual este guardára para occasião opportuna desde o momento em que, oppondo-se aos seus intentos a esquadra do marquez de Niza, já em Malta, já diante de Alexandria, lhe arrancou o despeito estas palavras, consignadas n'uma ordem do dia ao exercito do oriente: «Virá tempo em que a nação portugueza pague com lagrimas de sangue a affronta feita á republica.» Vendo-se Buonaparte primeiro consul, começou a lançar os alicerces do systema conti-

mental, e pouco depois do tractado de Luneville fez um pacto secreto com a Hespanha, e instigou-a a metter em Portugal um exercito commandado pelo mesmo Godoi, mais conhecido pelo titulo de principe da Paz, que a vaidade induzia a querer passar por habil general. E de feito, n'esta campanha de 1801, que achou Portugal desprevenido e privado dos soccorros d'Inglaterra, custou a obstar aos progressos do inimigo com tres pequenos exercitos, e só o marechal Gomes Freire, commandante do de Traz-os-Montes, se havia animado a fazer guerra offensiva empreendendo a praça de Monte-Rei; plano que falhou por estarem os hespanhos avisados, sem que estes, todavia, nem mesmo depois da retirada que o marechal havia feito para não ficar cortado, se aventurassem a pôr o pé no territorio portuguez por aquella banda. A pouca probabilidade da defeza havia pois feito appellar para as negociações diplomaticas, em que se gastaram muitos milhões de cruzados até o anno de 1807. Em 1804, novas ameaças por parte da Hespanha exigiram novos sacrificios; e assim continuou Carlos IV, sempre em genuflexão diante do primeiro consul ou do imperador Napoleão, a inquietar o seu antigo aliado. Por ultimo houve-se com a maior deslealdade no tractado de Fontainebleau, pelo qual Napoleão repartiu, como cousa muito sua, o reino de Portugal e os seus dominios, á excepção das provincias da Beira, Traz-os-Montes, e Estremadura portugueza, que deviam ficar em sequestro até a paz geral, porque o imperador e o rei de Hespanha *as julyavam proprias para ser restituídas á Casa de Bragança*, em troca das colonias conquistadas pelos inglezes aos hespanhos e seus alliados. Por este tractado davam-se a Godoi o Além-Tejo e o Algarve, com o titulo de principe dos Algarves; ao rei da Etruria a Estremadura, Minho, e a cidade do Porto, com o titulo de rei da Lusitania septentrional, obrigando-se a ceder a Napoleão o reino da Etruria; e ao rei d'Hespanha o titulo sonoro e deo de imperador das duas Americas. Um exercito de vinte e oito mil francezes, reforçado por onze mil hespanhos, havia de vir apoiar a espoliação occupando Lisboa, ao mesmo tempo que duas divisões hespanholas se apoderariam das provincias d'Entre-Douro-Minho, Além-Tejo, e Algarve. Por conseguinte, um exercito de trinta mil homens, capitaneado por Junot, entrou em Portugal, auxiliado pelas divisões dos generaes hespanhos Taranco e Solano, e a marcha forçada veio bater as portas de Lisboa na manhã de 30 de novembro de 1807, um dia depois da saída da familia real para o Brasil. Estava por esse tempo Gomes Freire (tenente general desde 12 de setembro) commandando uma divisão ao sul do Tejo, e no meio do geral desalento ainda tentou ver se obstava á invasão, cujo primeiro resultado foi o dividir Junot o reino em tres grandes districtos militares, reservando para si o governo da Estremadura e Beira, e deixando a Solano o das provincias ao sul do Tejo, e a Taranco o do Porto, Minho, e Traz-os-Montes. O marquez de Alorna, e Gomes Freire conservaram o commando das tropas portuguezas existentes nos districtos de Junot e de Solano, e foram encarregados de as reformar, e de reduzir a seis os vinte e quatro corpos de infantaria, e a tres os doze de cavallaria de que então se compunha o exercito portuguez. Feita a redução, marchou a Legião Portugueza nos principios d'abril de 1808 em direcção a Salamanca, levando por commandante em chefe o marquez d'Alorna, e por seu immediato tenente general Gomes Freire. Entre os officiaes foram fidalgos da primeira nobreza, e homens de alto merito, que chegaram a occupar os principaes cargos na patria; alguns, talvez, porque não puderam eximir-

se: outros, é licito crê-lo, deslumbrados pelo esplendor das victorias do conquistador da Italia.

A infidelidade de Carlos IV já então estava punida. Fernando VII, seu filho, usurpou-lhe a corôa em fevereiro d'esse mesmo anno; o rei deposto buscou o patrocínio de Napoleão, e Fernando, afim de tornar este propicio a sua causa, pediu-lhe para casar uma princeza do seu sangue; porém Napoleão, como fino politico, attrahiu pai e filho a terras de França, forçou-os a cederem-lhe todos os direitos ao reino, e mandou Carlos desterrado para Compiègne, e Fernando para Valençay; procedimento que irritou os patriotas hespanhoes, e lhes inspirou odio indomavel aos francezes, aos quaes principiaram logo a tractar como inimigos da sua liberdade e independencia. Por esta razão, Gomes Freire, que ficara alguns dias atrazado da Legião na marcha para Bayonna, tomou em Logrono, por ordem do marechal Bessieres, o commando de uma força portugueza, á qual se reuniram tropas francezas, que elle igualmente ficou commandando até o fim do primeiro cerco de Saragoça, levantado aos 15 d'agosto de 1808, porque os francezes, apesar de entrarem a cidade, acharam uma resistencia sem exemplo nos tempos antigos e modernos. Acabado o cerco, vieram as tropas n'elle empregadas para o Delphinado, e Gomes Freire foi por Bayonna a Paris, e d'ali para Grenoble.

Nova guerra entre a Austria e a França proporcionou a parte das tropas da Legião o assignalarem-se muito, debaixo das ordens de Oudinot, na vespéra da batalha de Wagram, sustentando a pé firme uma posição que os francezes, rareados pela metralha de duas baterias austriacas, haviam desamparado em vergonhosa debandada, cobrindo lhes a covardia o véu da noite, quasi a cerrar-se, engrossado pelos vapores do Danubio. Os dois batalhões que deram este irrefragavel documento do valor e disciplina combateram com muito brio no dia da batalha, e mereceram que o proprio Napoleão, juiz o mais competente, dissesse ao conde da Ega: « Senhor conde, estou muito satisfeito com os portuguezes: sempre pelejaram com muita gallardia n'esta guerra, e, de certo, não ha na Europa melhores soldados do que elles.»

Gomes Freire só em fevereiro de 1809 teve ordem de partir para a Allemanha, onde permaneceu até maio com as tropas pertencentes á Legião, as quaes, restabelecida a paz, acompanhou para os seus alojamentos na Baviera; e tendo Napoleão decretado a reunião do cantão de Valais, tambem foi tomar posse d'elle com tres batalhões portuguezes, mas esquivou-se de servir no exercito de Massena, empregado contra Portugal em 1810.

Alexandre, imperador da Russia, que, ainda em 1809, acettára das mãos de Napoleão uma boa porção dos despojos da Austria, colligou-se contra elle em 1812, e o compelliu a emprehender, a frente de quinhentos mil homens, a fatal campanha da Russia, em que a Legião portugueza acrisolou o seu denodo, nomeadamente na tomada de Smolenko, e batalha de Moshewa ou Borodino, mas d'onde veio reduzida a setecentas e cincoenta praças, tendo levado de Portugal nove mil homens, com que se incorporaram quatorze mil recrutas tiradas dos depositos de prisioneiros hespanhoes!

O tenente general Gomes Freire havia ido para a Russia, com o estado maior de Napoleão, e ficou na Lithuana governando a provincia de Disna até o tempo da retirada, em que voltou para França. Caído em terra o colosso, ante o qual os reis da Europa queimaram incenso de joelhos, para que o imperador, homem do povo, ungi-lo com o sangue da victoria, lhes não arrancasse as cordas da calça, tractou

Gomes Freire de regressar a Portugal, e escreveu para este fim uma carta a seu primo Antonio de Sousa Falcão, a qual trasladamos por dar a conhecer o seu estylo, e revelar um presentimento da sorte cruel que o esperava:

Paris 2 de fevereiro de 1815

« O teu sermão, bem longe de me adormecer, despertou-me! o que a estas horas já terás visto pela minha carta de 20 de dezembro, n.º 8, em que te digo que estou resolvido a voltar quanto antes a Lisboa, no caso que os senhores governadores queiram ter a bondade de auctorisar algum negociante para accietarme uma lettra de quatro mil cruzados, segurando se-lhe que será paga logo que se me entregue o dinheiro, que se acha no erario, das rendas de minha casa; e por tanto se for deferida a minha supplica, lá me tens por todo o mez de abril.»

« Achei muita graça ao teu sonho, e fez-me tanta impressão que sonhei outro na mesma noite, que te vou contar, e em que acharás talvez alguma analogia com o que tiveste.»

« Sonhei que me achava na China, aonde uma grande provincia tinha sido invadida pelos inimigos; e achando-se esta desprovida de tropas, o imperador chamou em seu soccorro os tartaros, seus alliados: estes vieram promptamente, e deitaram fóra os taes inimigos dos chins; e como o imperador tinha tido pouco cuidado no seu exercito, deram-lhe um cabo escolhido d'entre elles para lhe organizar e disciplinar as suas tropas: o imperador agradou-se tanto d'esse tartaro, que, além de muitas honras e poderes que lhe concedeu, fe-lo mandarim, e escreveu-lhe uma carta em que lhe disse que illustrasse com os seus conselhos os outros mandarins e os animasse; e por tanto po-lo acima d'elles, do que os mandarins chins não gostaram; e, para lhes fazer perraça, lembraram-se de mandar chamar á Persia um chim que alli militava, e que elles tinham em conta de tão grande militar como era o tal tartaro: porém este, que era muito vivo, fiado nos seus poderes, que eram os mesmos que algum dia se concediam aos dictadores romanos, armou trempe ao pobre chim, prendeu-o e po-lo em conselho de guerra; e vendo os mandarins que o tartaro puxava pela sua auctoridade, calaram-se todos muito bem calados, e o pobre chim foi fusilado sem que ninguem punisse por elle: e eu, acordado ao estrondo dos tiros, assentei de nunca me lembrar de jogar as cristas com generaes tartaros, mas sim de pendurar, logo que chegue a Lisboa, a minha espada na parede, para se deixar enferrujar bem á sua vontade!... Que me dizes ao sonho?»

« Venha dinheiro, e brevemente terei o gosto de segurar-te que sou — Teu verdadeiro amigo e primo fiel — Gomes.»

Não em abril como promettia a carta, mas em 26 de maio de 1815 apresentou-se no quartel general da côrte e provincia da Estremadura, e por aviso de 8 de junho foi declarado innocente, não obstante ter marchado com as tropas portuguezas para França; e mandaram-se-lhe abonar os soldos a que tivesse direito.

(Continúa.)

HABITANTES DAS LANDES DE BORDECS (1).

MUITOS dos estrangeiros, observadores superficiaes, que apenas passam entre nós algumas semanas, assen-

(1) *Landes* quer dizer « charnecas » ou tambem « matagaes maninhos » « terras çafaras e bravias. » Conservamos porém o nome francez, porque o consideramos aqui termo geographico, como por exemplo dizemos « as Dunas » e outros semelhantes.

taram julgar mal de tudo o que se diz e o que se faz para cá dos Pyrinéus; esta maledicencia systematica e injusta produz uma alluvião de libellos infames contra nós e a nação vizinha. Não precisamos porém de pagar embustes com outros embustes. Nos proprios escriptores nacionaes de França e de Inglaterra encontramos quadros, ora de miserias, ora de crimes e dissoluções, que não tem parceiros em a nossa terra. Não é, por certo, em Portugal que existe em longo tracto de territorio gente de tão mesquinha condigão e minguados recursos, como a que passámos a descrever, trasladando as proprias palavras de Mr. Victor Gaillard. —

Não procuremos dissimular que as Landes, esse extenso deserto que, começando as portas de Bordéus, vai rematar na foz do Adour, nada tem de agradaveis, e mui pouco lisonjeiam o nosso amor proprio nacional. Esta comarca é sem comparação a parte mais desagradavel do bello reino de França, qualquer que seja o lado por onde a contemplem. Areas ardentes no verão, charcos e abyssos no inverno, clima doentio em todas as estações, temerosas solidões onde parece illimitado o horisonte; eis-aqui o aspecto das Landes, sobretudo do lado maritimo. Se uma tempestade, por exemplo, arroja alli um misero estrangeiro, poderá por ventura capacitar-se, depois de haver galgado trabalhosamente os medões movediços do littoral, que poz o pé em França, tão celebre por fertilidade do solo e pelos progressos da civilização? A vista de uma praia medonha em summo grão, de planicies aridas, e de raros e agorentados habitantes, que vagueam n'aquelle terreno devastado, cuidara logo achar-se á mercê de uma tribu selvagem, a mais extravagante em trajos, maneiras e postura. Embora; n'este solo ingrato, onde só crescem em pontos dispersos os abroihos e tojos e alguns pinhaes, mais vegetam do que vivem trinta voltos humanos por cada legua quadrada, *intencionalmente francezes como nós e eu*, com os quaes todavia, de nenhum modo quero participação em habitos ou gostos. Longe de poderem articular, em sua barbata algaravia, pensamentos communs, muito é se acham palavras para exprimirem algumas necessidades phisicas: acostumados a ver sempre os mesmos objectos, a não passar de sensações uniformes, copiam no seu caracter a monotonia selvagem do districto que habitam. Ignorancia profunda, mesquinha cubiga, apathia no maior auge, e um tal excesso de indifferença que até embota o sentimento da penuria, fazem esta gente incapaz de energia, e quasi que até de reflexão. Habitados desde o berço á mais absurda superstição acolhem avidamente os contos e tradições de feiticeiros e de almas em pena. Debalde recebem de seus curas as noções religiosas, porque, preoccupados de terrores pueris, as desfiguram, applicando-as a esconjuros e ridicules exercicios de mal entendida devogão.

A raça *landeza*, propriamente dicta, vive no territorio mais vizinho do oceano, desde a torre de Cordouan até la Teste, e d'ahi até Bayonna. Ahi se deve estudar esta variedade androide, que em cada uma das suas feições dá assumpto para observações ethnographicas e a tristes meditações. — O habitante das Landes, baixo e magro, tem cor macilenta, cabellos pretos e corredios, olhos bagos, e a physionomia tristonha; as suas feições impassiveis, que o riso anima poucas vezes, tem certa expressão meditativa, analogá á que se observa n'alguns manicacos. Porém, apesar da constituição fraca e consumida pelas febres na maior parte do anno, o habitante das Landes desempenha os mais peizados trabalhos, e arrosta todas as intemperies atmosphericas. Accresce a tudo isto que os seus grosseiros trajos condizem mal com a tempe-

ratura, porque o estafam no verão, sem o resguardar do frio no inverno; o mesmo se observará quanto á sua pousada miseravel e immunda, que o esquimau e o hottentote desprezariam, e na qua! se amontoam ás vezes trinta a quarenta pessoas; a pega principal é uma grande cozinha, cuja lareira occupa todas as noites um caldeirão, onde a decana da familia mexe o *escoton*, em que se encerra todo o jubilo do landez: esta comida consiste n'umas papas de farinha de milho. Em quanto se prepara, as mulheres fiam, e os homens entrem-se invariavelmente acerca do lobis-homem que anda mais em voga, ou da resurreição do feiticeiro que ultimamente se enterrou. Da cozinha passa se para alcovas escuras e sem ar, onde todos de mistura se encovam; uns deitados no chão sobre vellos de carneiro, outros em ruins enxergas, supportando um calor capaz de cozer ovos.

De quantas povoam as Landes a classe dos pastores é a mais numerosa e tambem a mais miseravel. Quasi sempre afastado das habitações, cada pegureiro anda munido de nma saccoia de farinha de milho, de toucinho excessivamente rançoso, e de uma panela para fazer as papas em agua de tão ruim qualidade que a corrigem com um pouco de vinagre e sal. Muitas vezes correm semanas inteiras sem ver creatura humana. Empoleirado nas compridas andas de pau, que o levantam á altura de seis pés, e com as quaes parece ter nascido, galga mattagaes, atravessa charcos, e lucha em velocidade com os cavallos bravios da charneca, por onde discorre fiando a lâ de seus carneiros. De longe a longe, o encontro de outro pastor interrompe as suas longas horas de solidão, e lhe causa uma distracção; mas quanto é curta! porque os rebanhos junctos em breve esgotariam o sustento sufficiente n'aquellas enfezadas pastagens. — Mais raras vezes ainda, um boieiro se aparta da estrada para levar o gado a pascer no meio dos tojaes, e então conta a nova appareição de uma alma do outro mundo que faz andar em bolandas a proxima aldeia; e conversam depois na boa criação dos seus gados. Bois e carneiros eis toda a paixão da gente das Landes, que n'elles deposita toda a affeição de que é susceptivel, olhando com indifferença para tudo o que lhes não diz respeito. Perguntai-lhe pela mulher ou filha doente, responderá com lamurias pelo mal que deu no vitello ou nos carneiros. Dizei-lhe: — « Já sei que vosso irmão tem um grande catharro; mas penso que vai melhor.» — Não vai, não, senhor (vos respondera) um dos bois trasfolhou e não pôde comer; e meu irmão está por isso muito magoado.»

A rouparia do pastor no inverno consta de vellos com a lâ para dentro; com elles cobre o corpo todo, a excepção dos pés sempre descalços, e da cabeça que abriga com um barrete pardo; veste por cima uma capa de burel branco com seu capuz agudo, guardado de bandas encarnadas e de elmas soitas; chamam-lhe *capote de Carlos Magno*, e trocam-no de verão por outro mais leve de pelle de cordeiro, e por iguaes pelles largam os vellos que trouxeram no tempo frio; o resto do vestuario é roupa branca que, como e de suppor, nunca mais foi lavada.

A velhice do zagal das Landes é antecipada; de maravilha alcança os sesenta annos. Contudo, na sua vida vegetativa lá encontra attractivos na verdade inexplicaveis. Se e constrangido a pagar o tributo de sangue á patria, desesperado sac de seu deserto: desde esse momento conta os mezes de servigo, e qualquer que seja a melhoria que experimente, responde sempre: — « Eu era bem feliz quando me chamavam desgraçado.» — Nada o pôde reter sob as bandeiras alem do prazo da lei, e bem depressa toma o caminho das suas charnecas solitarias. Alli recolra a

liberdade e a melancolica ventura a seu modo, que prefere a quanto se chama civilisação. Ao cabo de seis mezes está como se nunca se ausentára; tudo lhe tem esquecido.

D'este modo a soberania dos pantanos e matto das Landes pertence ao pastor; domina, do alto das suas andas de pão, sem rivaes nem ministros, e a sua autocracia não acha obstaculos nos vastos ermos de Born e Maremmes. Porém no cantão de Maransin, onde crescem e abundam os pinhaes, a importancia do pastor é secundaria, e cabe a supremacia ao ganha-pão que apanha a resina. E quem é este?... É um homem que se ergue ao raiar d'alva, arma-se de um machado afiado, carrega com uma longa vara tallhada em degraus á feição de escada, e com um bernal que leva a comida, encaminha-se logo para as mattas de pinhal, onde consome a maxima parte da sua vida. Apruma a sua vara a par do tronco recto de um pinheiro, por ella sobe a muita altura, sem mais apoio do que o entalho em que estriba o pé esquerdo, e com a perna direita, abarcando a arvore, sugiga a vara e não a deixa vacillar. D'este modo suspenso, com mão certa dá os golpes da machada e traça na superficie do tronco um rego estreito, tal que qualquer juraria que por alli passou a plaina. D'esta incisão vertical, que vem dar ao pé da arvore, manará a resina, que esse mesmo homem ha de apanhar e transportar mais tarde ás fabricas onde é distillada.

Habituaado desde muito moço a tão penoso trabalho vive, como o pastor, apartado da sociedade; e todavia vive sem tédio, e não trocaria a sua condição por uma existencia mais commoda. Devorando á pressa uma sardinha com um pedaço de pão de centeio, mata a sede com a agua que se empoga na matta; e só volta á choça solitaria para tomar algumas horas de descanso. Assim continua por nove mezes do anno, desde o principio de março até o principio de dezembro; os tres restantes passa-os em casa da sua familia ou do proprietario da matta. Para dar treguas a esta vida desacompanhada, ao domingo larga do pinhal mui cedo e entia para a taberna; é onde se esquece de todas as fadigas; as ruidosas explosões da sua descommunal alegria cobrem apenas as vozes esgançadas das mulheres e os berreiros dos rapazes, que se apinham ao redor de mesas onde o vinho corre em bicat. As libações succedem-se sem descansar, e quando a noite chega é completa a embriaguez; então scenas inauditas se divisam ao clarão vermelho e afumado d'archotes enresinadas: a desordem vai em augmento até que uns caem por baixo das mesas, outros forcejam por se retirarem ás choupanas perigosamente cambaleando. No dia immediato o apanhador de resina corre de tronco em tronco a recolher o producto de seu anterior trabalho, e tão leste e diligente como se o houvera refrescado a orgia da vespera. O seu traje é sempre o mesmo, até que encebado e podre caia aos farrapos; consta de barrete ou chapéu de palha, véstia de pano grosso, calça de linho crú ou semelhante, e cinta encarnada: se chove, embuga-se n'um capote que tem só as cavas das mangas, e de um talhe particular, privativo do Maransin, e que ainda não tem desmentido desde a idade media.

Antes de sair dos pinhaes, presentemente objecto de avultada e florecente industria, o capitalista vai visitar um laboratorio de resina; porém o poeta e o pintor encaminham-se para o oceano. — Não é andar, é bordejar n'um chão que na mobilidade imita as ondulações do mar: agora se desce ao fundo de um barranco onde ha agua salobra e encharcada, logo monta-se a summidade de uma vaga de arêa saibrenta: acabam os pinhaes, e as dunas ou médões começam.

Decorridos alguns minutos divisam-se muitas malhas escuras que se movem lentamente nos lados alvacentos d'aquelles cabeços collocados em amphitheatro; são os paisanos das dunas, puxando trabalhosamente, por tenue salario, as faxinas com que é necessario cobrir o pinisco, de que hão de sair os robustos pinheiros, que d'ahi a cincoenta annos defenderão o terreno cultivado da irrupção das arêas levantadas pelos ventos d'oeste. Outros, mais ao longe, occupam-se em fortalecer os tapumes de canigos, que em distancia se tomariam pelos traços divisorios de uma carta geographica. Chegai-vos de perto, e achar-vos-heis a entrada de um labyrintho, que em suas voltas encerra innumeraveis videiras com as varas verdejantes carregadas da bella uva de que se espreme o nomeado Bordéus. É elle o unico producto notavel de todas as Landes, e exige consideravel custo de cultura: a boa qualidade do vinho compensa bem a falta na quantidade; e admira como pôde adquirir tanta seve e vigor n'um terreno formado, como o de Cabo-Bretão, pelos areaes acarretados pelo mar.

(Continúa.)

O VIUVO E O MEDICO.

Um pobre operario de Plymouth, tendo a mulher muito doente, foi pedir a um medico de fama que a viesse tractar. O doutor, por ser o homem mal trajado, prometteu-lhe que iria, mas não foi. Peiorou a doente, e o marido voltou a casa do doutor a pedir-lhe com lagrimas a soccorresse. Ainda d'esta vez perdeu as passadas; tornou terceira e disse-lhe: «Doutor, minha mulher está ás portas da morte, e tem fé que só vós a podeis salvar. Eu, com ser um triste operario, tenho algum dinheiro de reserva, porque sou forrêta; prometto pagar-vos dez libras, quer a cureis, quer a mateis.» O doutor enterneceu-se, e medicou a doente, que d'ahi a poucos dias estava na eternidade. Passados os da certeza, mandou o esculapio a conta ao viuvo, e como elle não quizesse pagar-lhe, citou-o para comparecer no jury. Concluida a allegação por parte do auctor, o presidente perguntou ao réu se tudo aquillo era verdade. É certo e mais que certo, disse este; «porém, se me derdes licença, farei uma breve pergunta alli ao amigo doutor.» Foi-lhe concedida. — «Eu não vos prometti dez libras, quer curasseis quer matasseis minha mulher? — «Não ha duvida» respondeu o medico. — «Basta. Ora responde-me o senhor doutor: curou minha mulher?» — «Não, porque a molestia não tinha cura.» — «Então matou-a?» — «Deus me defenda! que testemunho!! Morreu porque tinha de morrer.» — «Logo, se confessais que não a curastes nem a matastes, caspate! temos as contas saldadas.» O jury, cingindo-se á lettra da promessa, absolveu o operario, e o esculapio ficou sem a paga e pagou as custas.

Subscreve-se para este jornal na Typographia onde é impresso, e nas lojas de livros de Viuva Henriques, e Bordalo, rua Augusta — Ziferino, rua dos Capellistas — e Torquato, rua do Ouro.

Vende-se nos locaes aonde se subscreve, e nas lojas de livros de Lemos, rua Augusta n.º 127 — na rua direita da Esperança n.º 125 — e na loja de livros de V. P. da Silva, rua direita do Livramento n.º 27 A.

Assignatura por anno — 52 N.ºs 1\$200
Dita por semestre — 26 N.ºs \$640
N.º avulso \$030

A correspondencia franca, deve ser dirigida á Redacção do Panorama, Largo do Contador-mór n.º 1A.